

# Estratégias metodológicas Para o Ensino Fundamental I no período pós-pandemia

Karla de Rezende Souza<sup>1</sup>

Milene Bartolomei Silva<sup>2</sup>

## Resumo

O artigo discute a mudança de metodologias no cotidiano escolar após a pandemia de Covid-19. O objetivo do artigo é compreender as estratégias metodológicas utilizadas por professores de turmas do Ensino Fundamental I, em escolas públicas, no período pós-pandemia. Para tanto, com o intuito de desenvolver a temática com fidelidade e alicerçado em princípios de legalidade e dignidade humana, elegeram-se como objetivos específicos: reconhecer os reais impactos da pandemia na esfera educacional, compreender o papel do professor na pós-pandemia e reconhecer estratégias metodológicas de sala de aula no retorno das aulas presenciais, para dar continuidade a uma aprendizagem contextualizada e de acordo com as orientações legais. Para tanto, optou-se pelo método de pesquisa bibliográfico exploratório qualitativa, com o propósito de expor dados mais concisos em relação à temática abordada. Após o levantamento das obras selecionadas e desenvolvimento do tema ora explorado, concluiu-se que embora a educação no ensino fundamental já seja envolta de uma série de estratégias metodológicas que envolvem dinamismo e flexibilidade, com a pandemia está precisou ser ainda, reinventada, de modo que beneficiasse aquisições pedagógicas mais sólidas e coesas e ainda, ressignificou o trabalho docente, colocando-o em papel de destaque na utilização de novas técnicas e tecnologias dentro e fora de sala de aula.

**Palavras-chave:** Pós Pandemia. Trabalho Docente. Estratégias de ensino.

## 1INTRODUÇÃO

O papel do professor em sala de aula vai muito além de conceber ensinamentos em resumo, o processo de ensino e aprendizagem é um processo complexo que envolve tanto o professor quanto o aluno. O professor não é mais visto como o detentor do conhecimento, mas sim como um facilitador do processo de aprendizagem. O processo de ensino e aprendizagem é dialógico e envolve uma construção conjunta do conhecimento. É importante lembrar que o aluno não é apenas um receptor passivo de informações, mas sim um agente ativo na

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

<sup>2</sup> Professora Doutora do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação FAED/UFMS. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação, Desenvolvimento Humano e Inclusão (GEPEDHI). Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia.

construção do conhecimento. Portanto, é essencial que o professor esteja aberto ao diálogo e à troca de ideias com os alunos, para que juntos possam construir um conhecimento mais amplo e significativo.

Investigando esse trabalho de forma mais vasta e popularizado, percebe-se que esta situação está cada vez mais carregada de tarefas que ultrapassam a linha tênue que separa a oferta de ensinamentos e conceitos e a obtenção de saberes a partir de uma metodologia de ensino tida como universal. Segundo Andrade Júnior et al. (2019),

A função do professor há muito deixou de ser unicamente voltada à apresentação de conteúdos e mediação de diálogos. Este passou por uma série de 'mutações' que se tornaram fator determinante para que novas formas de ensinar e aprender fossem consolidadas no âmbito da educação nacional e internacional. O professor não é mais visto como o detentor do conhecimento, mas sim como um facilitador do processo de aprendizagem, que auxilia os alunos a construir seu próprio conhecimento.

Em contrapartida, têm-se inovações consideráveis em sala de aula que passaram a ser o ponto de partida para que aprendizagens mais amplas e significativas fossem notadas em todas as etapas e níveis da escolarização

O papel do professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem é fundamental para a formação dos alunos. Segundo Souza (2023).

Ele auxilia os alunos a construir seu próprio conhecimento. O professor tem o papel de conceder saberes e conceitos que beneficiam não somente a formação da identidade dos sujeitos, mas também, a formação de sua autonomia e independência. Trata-se de uma formação que é acadêmica e ao mesmo tempo cidadã.

Ao assumi-la, tal profissional passa a considerar cada sujeito em processo de desenvolvimento intelectual presente em sala, como um ser com capacidades a serem exploradas e habilidades a serem desenvolvidas. Ou seja, passa a ser dele a responsabilidade de preparar espaços, estabelecer parcerias, criar estratégias, unificar modelos, selecionar conteúdos, aprimorar métodos, designar instrumentos, dentre outros fatores.

Todavia, algumas situações surgem no intermédio de tal desenvolvimento que freiam o desenvolvimento do aluno e na mesma proporção tiram a autonomia do

professor. Dentre estas situações pode-se considerar, por exemplo, a pandemia da Covid-19<sup>3</sup> que se alastrou pelo mundo no ano de 2020 e que não isentou a esfera da educação nacional de suas avassaladoras consequências.

No início do ano letivo de 2020, os docentes de instituições de ensino tiveram suas atividades suspensas devido à pandemia causada pelo vírus da Covid-19 que assolou o mundo todo. Para prevenir o contágio pelo novo Coronavírus, foram adotadas medidas emergenciais, temporárias e necessárias, considerando a situação vivida pela sociedade como um todo. Devido à necessidade de distanciamento social para evitar o contágio da doença, foram definidos em decretos municipais e estaduais o fechamento das escolas e a proposição de ensino remoto para que os alunos não se desconectassem do objeto de conhecimento e do ambiente escolar.

Embora o ensino remoto tenha sido uma solução para manter os alunos conectados com o ambiente escolar, é importante lembrar que a pandemia afetou a vida de todos de maneira diferente. Alguns alunos podem ter enfrentado dificuldades para se adaptar ao ensino remoto, enquanto outros podem ter tido problemas de acesso à internet ou equipamentos adequados. Todavia, as escolas se esforçaram para manter os alunos conectados com o ambiente escolar, mesmo durante a pandemia.

Tal situação causou danos consideráveis à educação e ainda, 'obrigou' os educadores a se reinventarem em suas práticas e metodologias de ensino de modo que dessem conta de atender tanto à demanda de educandos a serem escolarizados de maneira diferente da habitual (presencial), como também, que se inteirassem de novas metodologias de ensino calcadas nas tecnologias e nas mídias.

O fato de as aulas presenciais terem sido substituídas por aulas remotas e colocar à prova todo o conhecimento do professor acerca de novas formas de ensinar e aprender, passou, em consonância, a exigir dele mais dinamismo e

---

<sup>3</sup> Covid-19 é uma infecção respiratória causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2. A doença é potencialmente grave, altamente transmissível e espalhou-se por todo o mundo. (<https://bvsmms.saude.gov.br/covid-19-2/>).

flexibilidade; o que gerou além de desconforto, dúvidas e incertezas. Ou seja, surge um desafio a ser superado por todos, em período recorde.

No entanto, as aulas presenciais que haviam sido suspensas, deram lugar a uma nova modalidade de ensino que daria ao educando mais autonomia em seu aprendizado e ainda, envolveria a família em tarefas educativas que antes eram desenvolvidas pela mediação do professor: as aulas remotas.

Essa modalidade de ensino envolvia o uso de instrumentos tecnológicos e mídias para envolver plenamente o aluno em parceria com a família ou outra pessoa para mediar as atividades pedagógicas. As atividades ocorriam via orientações on-line, apoiadas em atividades impressas previamente elaboradas pelos professores em parceria com a equipe técnico-pedagógica. O objetivo era conceder saberes ligados ao que previam os documentos vigentes, como a PPP - Proposta Político Pedagógica, o Currículo e o PME - Plano Municipal de Educação (CHAQUIME, 2014, p.110).

A modalidade de ensino durou um ano, sendo substituída posteriormente pelas aulas escalonadas. Nessa modalidade, os alunos cumpriam parte de sua carga horária letiva de maneira escalonada: uma semana presencial e outra remota. Para tanto, a escola dividia a turma em grupos com quantidade igual de alunos, respeitando o distanciamento entre eles e os limites espaciais. De acordo com Rankings (2020, p.9), todos recebiam as mesmas informações e atividades, porém em etapas diferentes.

O retorno às aulas presenciais após o período de ensino remoto foi a etapa mais desafiadora de superar. Isso se deveu principalmente ao fato de que exigia um envolvimento maior de todos os membros da comunidade escolar, que precisavam se adaptar a novas rotinas e protocolos de segurança. Além disso, o retorno gerou uma série de questionamentos e insegurança, já que havia o risco de que novas contaminações por vírus ocorressem de forma desregrada e desconhecida.

Embora a saúde dos professores fosse uma grande preocupação devido aos riscos de contágio, os métodos de ensino em sala de aula também se tornaram um fator de preocupação. Surgiram novas dúvidas ligadas principalmente à metodologia de ensino a ser aplicada em sala de aula.

Com isso, os professores foram ‘obrigados’ a buscarem novas formas de ensinar em situações de risco, levando em conta principalmente o atual cenário da educação nacional. Tal ‘obrigação’ levou tais profissionais a se ressignificarem e reciclarem seus métodos de ensino de modo a contemplar a todos de maneira satisfatória e em acordo com aquilo previsto em documentos vigentes.

Posto isto, busca-se aqui compreender como os professores estabeleceram, como afirma Flauzino (2021, p.19) “novas estratégias de ensino no período pós-pandêmico de modo que atendesse com qualidade e eficácia as reais necessidades dos educandos”. Assim, elencam-se como objetivos específicos: reconhecer os reais impactos da pandemia na esfera educacional, compreender o papel do professor na pós-pandemia e reconhecer estratégias metodológicas de sala de aula no retorno das aulas presenciais.

A partir daí, elegeu-se como objetivo geral, ‘compreender as estratégias metodológicas utilizadas por professores de turmas do Ensino Fundamental I em escolas públicas, no período pós-pandemia’. Na oportunidade, buscou-se identificar nas ações pedagógicas formas de minimizarem os prejuízos nas aprendizagens das crianças durante o período supracitado.

A etapa final deste trabalho foi organizar de forma coerente e segmentada as informações coletadas em obras bibliográficas atuais publicadas entre os anos de 2005 e 2023 que traziam em suas entrelinhas formas de os educadores se ‘reinventarem’ em suas práticas educacionais de maneira a retomar o processo de ensino e aprendizagem sem deixar de ser flexível e linear.

Em tal etapa, organizou-se este texto em seções, nas quais citam-se: Os impactos da pandemia na esfera educacional; O papel do professor do Ensino Fundamental I no pós-pandemia; Estratégias metodológicas utilizadas no período pós-pandêmico;

## **2 Os impactos da pandemia na esfera educacional**

Que a pandemia de Covid-19 gerou uma série de danos em todas as esferas da sociedade não é novidade. Esta pandemia alterou de forma brusca e negativa

todas as formas de manutenção da vida humana a partir do relacionamento entre as pessoas; e isso fez com que consequências drásticas fossem percebidas inclusive, na esfera educacional. Já que,

No início de 2020, uma emergência de saúde pública de importância mundial abalou os setores políticos, econômicos e sociais, sendo paralisados por uma pandemia. Em decorrência do avanço da COVID-19, doença causada pelo coronavírus (Sars-CoV-2), a melhor forma de prevenção devido à rapidez de seu contágio, foi o isolamento social (SILVA, 2022, p.7).

Tais consequências modificaram não só as formas de as pessoas se relacionarem entre si, mas também, as formas como se relacionavam com o meio do qual eram pertencentes. Ou seja, o local que frequentavam passou a ser a primeira instância a ser evitada. Haja vista que;

“as crianças foram privadas da socialização com seus pares, fundamental para favorecer aprendizados importantes para o desenvolvimento humano, como experiências lúdicas, interações presenciais, cooperação, compartilhamento de decisões, convivência com as diferenças, aprendizagens relacionadas com o controle dos impulsos, lidar com as frustrações, entre outros” (ROMANZINI, et. al., 2022, p.12).

Quando se leva em conta que este local é a instituição escolar, nota-se que esta sofreu muito no período pandêmico. Precisou-se suspender as aulas presenciais e criar novas formas de ensinar e aprender que fossem além do uso do quadro branco e do espaço da sala de aula. Com isso,

“As crianças sentiram os impactos da pandemia, especialmente, pela suspensão das aulas presenciais. Mesmo que brincar seja algo prazeroso e fundamental, elas necessitam do contato com os colegas, os professores e o ambiente escolar” (ROMANZINI, et. al., 2022, p.14).

A pandemia gerou uma grande quantidade de desinformação em todo o mundo em relação às metodologias de ensino tradicionais. Ao mesmo tempo, impulsionou a consolidação de novas formas de ensino à medida que se encontravam maneiras de dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem. Nessa empreitada, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) se mostraram como grandes aliadas da escolarização em tempos pandêmicos.

As tecnologias, sejam elas de mídia ou de outro fim, contribuem significativamente para o estreitamento das relações entre as pessoas e entre diferentes espaços. Isso se mostrou ainda mais eficaz durante a pandemia de

Covid-19, na qual inovações metodológicas e comportamentais foram necessárias em tempo recorde.

Ignorar a especificidade da escola como território formador e formativo, e significar escola e as TICs compreendendo o caráter técnico e instrumentalizador das tecnologias, tem como consequência sua utilização pedagógica, possibilitando reafirmar o território singular da escola e a autoridade do professor neste espaço (ALONSO, 2008, p. 15).

Ao utilizar as TIC's como recurso no decorrer do processo de escolarização, acaba-se por creditar nelas, parte da responsabilidade de manter os sujeitos em pleno envolvimento com as aulas e ainda, inseri-los numa dinâmica de educação que se apóia na renovação, na integração de técnicas, na utilização de espaços antes pouco mencionados (salas de aula virtuais), na criação de materiais de fácil acesso e compreensão, na inclusão escolar, na reestruturação de espaços virtuais e ainda, na idealização de formatos educativos mais amplos, flexíveis e dinâmicos.

Até porque,

A utilização educativa/pedagógica das TIC, vistas como recurso e material, seria congruente com a necessidade de incorporar aos processos de ensino/aprendizagem codificações diferentes, que estariam sendo elaboradas nas distintas manifestações da cultura em nossos dias. A ocorrência de tal fato faria supor a constituição de processos de mediação cultural, mais amplos e variados que os conhecidos tradicionalmente, primeiro pela transmissão oral e, depois, pela transmissão escrita (ALONSO, 2008, p.18).

Todavia, não basta investir em tecnologias e deixar de lado o papel a ser desempenhado pelo professor. Logo, almeja-se que este receba a devida formação e qualificação no sentido de atender à demanda escolar em todos os tempos com qualidade e competência, e ainda, conseguir lidar com elas de modo a atender às reais necessidades daqueles que estão em pleno contato com as aprendizagens escolares e cidadãos que são essenciais à formação da identidade e autonomia dos sujeitos em processo de formação.

Na visão de Alonso (2008, p.19):

O fato é que a demanda por mais escolarização, pela universalização da escola fundamental e média, e por níveis mais elevados de educação, põe-se como condição necessária e suficiente para o avanço das forças

produtivas ou de ajuste às demandas de trabalho. A contradição está justamente na crença de que a escola poderá solucionar tais problemas e, por isso, a sociedade exige "escola de qualidade", entendida como extensão do mundo economicamente produtivo. As formas tradicionais de "transmissão do conhecimento" são também questionadas, constringendo a busca por novos atributos culturais, em consequência, escolares.

O autor da citação afirma que a demanda por mais escolarização, pela universalização da escola fundamental e média, e por níveis mais elevados de educação, põe-se como condição necessária e suficiente para o avanço das forças produtivas ou de ajuste às demandas de trabalho. Porém ele também aponta a contradição existente na crença de que a escola poderá solucionar tais problemas e, por isso, a sociedade exige "escola de qualidade", entendida como extensão do mundo economicamente produtivo. As formas tradicionais de "transmissão do conhecimento" são também questionadas, constringendo a busca por novos atributos culturais, em consequência, escolares. A escolarização é um fator importante para o desenvolvimento das forças produtivas, mas não é a única solução para os problemas enfrentados pela sociedade. É necessário repensar a educação e buscar novas formas de transmissão do conhecimento que sejam mais eficazes e adequadas às demandas do mundo atual. A escola deve ser vista como um espaço de construção de conhecimento e de formação de cidadãos críticos e conscientes, capazes de atuar de forma transformadora na sociedade.

Embora o papel do professor seja de suma importância, a formação acadêmica, ainda necessita de uma atenção especial no sentido de colocá-lo em pleno contato com tudo o quanto for necessário para que o alunado se desenvolva de modo integral. Já que<sup>1</sup>;

"o cenário mutante, na escola e em seu entorno, constitui situação anacrônica entre as práticas docentes e as expectativas sobre a função da escola na atualidade. Existe um sentimento geral de que a escola e, mais particularmente, os professores 'falham' no cumprimento de seu trabalho" (ALONSO, 2008, p.21).

Ou seja, o que se cria em volta do trabalho docente, são 'camadas' de tarefas que se sobrepõem ao longo do processo educacional e mais precisamente, no período pós-pandemia que se mostrou à categoria docente um grande desafio no



que tange ensinar, aprender e compreender todo o dinamismo presente em suas ações pedagógicas ora recodificadas de forma brusca e sem aviso prévio.

Embora a pandemia tenha gerado muitos desafios na esfera educacional, alguns se sobressaem. De acordo com um artigo com as pesquisas realizadas no Brasil, esses desafios incluem ensinar, aprender e compreender todo o dinamismo presente em suas ações pedagógicas, que foram recodificadas de forma brusca e sem aviso prévio. Superar esses obstáculos é um desafio diário para os professores, mas é necessário para criar um senso de pertencimento, participação e integração nos alunos.

A pandemia teve um impacto significativo na educação, afetando não apenas as formas de ensinar e aprender, mas também os resultados obtidos. Como resultado, a verificação dos resultados deixou de ser realizada da mesma forma que antes. Além disso, a pandemia forçou a esfera educacional a se adaptar e se reorganizar para atender a todos os alunos de maneira semelhante, com o mesmo nível de eficiência e eficácia.

Segundo o Conselho Nacional da Juventude:

É preciso reconhecer que esse cenário provoca efeitos emocionais para todos, em níveis variados, considerando ainda que há ambigüidades na compreensão da situação de isolamento e da própria doença que é foco da pandemia; há o receio do contágio, mais ou menos consciente; a angústia do isolamento em relação a colegas e amigos; ansiedades relativas à compreensão de conteúdos escolares e desempenho; sensação de pressão, cobrança, e aparecimento de estafa pelo esforço de atenção necessário e tempo diante de vídeo, gerando até sentimento de rejeição aos estudos pelo limite dos contatos possíveis (2020, p.13).

A pandemia teve um impacto significativo na educação, afetando não apenas as formas de ensinar e aprender, mas também os resultados obtidos. Como resultado, a verificação dos resultados deixou de ser realizada da mesma forma que antes. Além disso, a pandemia forçou a esfera educacional a se adaptar e se reorganizar para atender a todos os alunos de maneira semelhante, com o mesmo nível de eficiência e eficácia. Um dos principais desafios enfrentados pelos professores durante a pandemia foi a suspensão do ensino presencial, que em tempo recorde passou a ser concebido de forma remota e, em seguida, semipresencial e escalonado

De acordo com Koslinski e Bartholo (2022, p.28):

Globalmente, a pandemia e o fechamento das escolas trouxeram enormes desafios. Os principais estudos nacionais e internacionais sugerem quatro efeitos majoritários nas redes públicas de ensino: (I) perda de aprendizado; (II) aumento das desigualdades no aprendizado; (III) aumento do abandono escolar; e (IV) impactos negativos no bem-estar e na saúde mental.

A partir dessa constatação, os órgãos governamentais precisam utilizar esses resultados para implementar políticas públicas mais amplas e eficazes. Essas políticas devem ser implementadas não apenas no âmbito escolar, mas também em outras instâncias adjacentes, a fim de consolidar revoluções didático-pedagógicas que visem recuperar aprendizagens e reduzir impactos negativos.

### **3 O papel do professor do Ensino Fundamental I no pós-pandemia**

Levando-se em conta que numa dinâmica educacional mais contemporânea o papel do professor do Ensino Fundamental se mostra multifacetado, considerar seus objetivos enquanto mediador no processo de formação da identidade e autonomia do sujeito se torna a válvula propulsora para que pontos cruciais sejam validados. Como, por exemplo, o ambiente escolar, a qualificação docente, as metodologias de ensino, as parcerias, os instrumentos de ensino, dentre outros pontos. Haja vista que:

“a escola e seus agentes fazem parte do contexto histórico que nos possibilita compreender os porquês da elaboração de estigmas sobre os alunos pobres, negros, indígenas e moradores das periferias das cidades, abrindo passagem para uma abordagem mais crítica que perceba a educação escolar como um processo social repleto de contradições que devem ser sociologicamente identificadas, analisadas e compreendidas” (FORTE, et. al., 2018, p.9).

O papel do professor na educação é fundamental e desafiador. Além de transmitir conhecimento técnico, o professor é responsável por ensinar as crianças e adolescentes a trabalhar em grupo, estimular a criatividade e o pensamento crítico, dar o auxílio necessário para que os estudantes alcancem seus objetivos e mediar o conhecimento. O docente também deve ser um questionador, levando perguntas

para a sala de aula e conduzindo reflexões e pensamentos críticos sobre os temas abordados. O papel de instrutor tem relação direta com a organização dos programas de aula, pois implica a exposição de conceitos e demonstrações de teorias em forma de trabalhos, exercícios e avaliações. A partir dessas ações, o professor conseguirá avaliar o desenvolvimento dos alunos e verificar em quais pontos há maiores dificuldades e como elas podem ser corrigidas. Cada metodologia trabalhada pelos professores e pela escola deve abarcar métodos de avaliação, pois o professor é um treinador e, portanto, precisa avaliar o desempenho dos alunos.

O papel do professor na educação é fundamental e desafiador. Segundo Oliveira e Alves (2005, p.11), o professor deve se moldar a partir de algumas “influências positivas e negativas que receberam ao longo de sua própria trajetória escolar; sua experiência profissional e reflexão sobre a docência; a formação pedagógica; e sua prática social mais ampla, ou seja, seu envolvimento social”. Essas influências são importantes para que o ato educativo se mostre mais amplo e coerente.

Logo, estas influências vão ao encontro daquilo mencionado por Moysés (1994, p.54) que diz que:

O “bom professor” é aquele que se sente politicamente comprometido com seus alunos, conhece e utiliza os recursos capazes de lhes propiciar uma aprendizagem real e plena de sentido, com a prevalência do significado e não a simples associação entre estímulo e resposta. Para ele, uma das possíveis dificuldades dos professores em promover a aprendizagem por compreensão pode vir do fato de que eles também tenham sido submetidos a um ensino mecânico e cujos conteúdos deveriam ser memorizados

O objetivo do “bom professor” é fazer com que o aluno se aproprie de tudo o quanto lhe for necessário para que se desenvolva plenamente e em consonância com aquilo que está diretamente ligado com sua vivência fora do espaço escolar. Isso para que este cumpra seu papel com responsabilidade e competência

As metodologias ativas são estratégias de ensino que têm por objetivo incentivar os estudantes a aprenderem de forma autônoma e participativa, por meio de problemas e situações reais, realizando tarefas que os estimulem a pensar além, a terem iniciativa, a debaterem, tornando-se responsáveis pela construção de conhecimento. Essas metodologias têm sido cada vez mais utilizadas no processo

educacional, com maior frequência e abrangência. De acordo com Lima (2017, p.5), as metodologias ativas são uma forma de tornar o processo educacional mais eficiente e eficaz, permitindo que os alunos sejam mais engajados e participativos em seu próprio processo de aprendizagem .

As metodologias ativas têm um papel relevante na promoção da proatividade e da interação entre estudantes e docentes, da vinculação da aprendizagem à realidade e do desenvolvimento de capacidades para intervenção na própria realidade. Elas visam ampliar o compromisso dos participantes com a transformação da realidade .

Em outras palavras, as metodologias ativas são estratégias de ensino que têm por objetivo incentivar os estudantes a aprenderem de forma autônoma e participativa, por meio de problemas e situações reais, realizando tarefas que os estimulem a pensar além, a terem iniciativa, a debaterem, tornando-se responsáveis pela construção de conhecimento. O docente tem um papel fundamental nesse processo, pois deve mediar as atividades, criando e dando condições para que os sujeitos em processo de escolarização busquem soluções a situações de aprendizagens utilizando-se de recursos e técnicas que se concluem a partir de suas iniciativas e investidas . O papel do docente é fundamental no processo de aprendizagem, pois ele deve mediar as atividades, criando e dando condições para que os sujeitos em processo de escolarização busquem soluções a situações de aprendizagens utilizando-se de recursos e técnicas que se concluem a partir de suas iniciativas e investidas . Além disso, o docente deve estimular e apoiar o desenvolvimento de capacidades para a busca de conhecimento, a análise das estratégias de busca e do grau de confiabilidade das fontes, assim como a avaliação crítica da produção das informações obtidas, para que os alunos possam explorar novas sínteses .

O papel do professor não perdeu seu significado durante ou após a pandemia. Pelo contrário , foi ressignificado enriquecendo com novas técnicas , instrumentos e espaços mais dinâmicos, flexíveis e integradores. O uso de novas tecnologias e recursos ampliou o trabalho do professorado, permitindo que os ensinamentos alcancem um público maior promovendo novas aprendizagens.

O fato de a pandemia ter afetado todas as esferas da sociedade mundial, não isentando a esfera educacional, fez com que o professor buscasse de forma rápida e

eficiente, apoio em novos instrumentos que favorecessem a oferta de saberes e o desenvolvimento integral dos alunos por meio de mediações à distância.

O ponto de partida para ressignificar o papel do professor em período pandêmico foi o enfrentamento. Nessa etapa, o professor se percebeu diante de um desafio que colocava à prova suas capacidades e disposição para buscar novas formas de promover educação e beneficiar o desenvolvimento integral do indivíduo em processo de formação.

Enfrentá-la não bastava. Era necessário sobressair-se a ela sem que se perdesse o foco: educar. Assim, adaptações, inovações e novas percepções foram necessárias de modo que o professor se mantivesse ainda motivado, estimulado e conectado ao processo de ensino e aprendizagem.

A partir daí, o cenário educacional passou por uma gama de adaptações que fizeram com que novos formatos fossem implantados sob a coordenação do professorado, em parceria com a equipe técnico-administrativa. Dentre estas adaptações, cita-se o formato de educação on-line que foi implantado em tempo recorde e de forma emergencial nas escolas regulares nacionais.

Tal formato representou aos professores, uma “provocação” na medida em que foram postos frente a frente com uma nova forma de ensinar e novas formas de aprender. Haja vista que este formato envolve não somente o domínio de mídias e tecnologias, mas também, a disposição deles para que estreitem as relações entre elas e a ações pedagógicas ora planejadas sob a utilização de recursos até então, eficazes e eficientes e sem a necessidade de novas técnicas: livro didático, quadro de giz, apostilas, etc.

De acordo com Gatti (2020, p.7):

A situação pandêmica obrigou crianças, adolescentes e jovens a mudarem seus hábitos relacionais e de movimento, a estudarem de modo remoto, alguns com boas condições, com acesso à internet, com os suportes necessários (computador, tablet ou celulares), mas muitos não dispondendo dessas facilidades, ou dispondendo com restrições (por exemplo, não disposição de rede de internet ou de computador ou outro suporte, posse de celulares pré-pagos com pouco acesso a redes; um só celular na família etc.), contando ainda aqueles sem condição alguma para uso dos suportes tecnológicos escolhidos para suprir o modo presencial.

Essa obrigação fez com que toda a comunidade escolar se engajasse em ações e situações que se voltassem à continuidade do processo educacional sem grandes prejuízos nas aquisições pedagógicas por parte dos alunos atendidos. Assim, a representatividade que se tem da educação no pós-pandemia é ainda mais significativa do ponto de vista de envolvimento, desenvolvimento e crescimento pessoal.

Em relação ao retorno às aulas no período pós-pandêmico, a mesma autora afirma que:

O retorno dos contatos sociais escolares, ao mesmo tempo que se apresenta como um desejo, também gera certo grau de insegurança e medo. Isso tem que ser considerado. Daí o preparo psicológico dos vários grupos envolvidos com a escolarização, criando abertura para trocas, conversas, sobre como se sentiram com as novas ações que lhes foram exigidas no período de isolamento: uso de redes, de mídias diversas, as novas propostas, as facilidades, necessidades ou dificuldades que perceberam, aprendizagens diversas, ganhos que avaliaram que tiveram ou não (GATTI, 2020, p.9).

A partir dessa afirmativa, coloca-se a prova não somente o grau de comprometimento do docente com a causa da manutenção do processo de ensino e aprendizagem, mas também, seu equilíbrio emocional e a disposição em propor novas formas de elevar os níveis educacionais do aluno, ao mesmo tempo em que este busca se reestruturar emocionalmente e ainda, reencontrar seus pares e refazer sua trajetória educacional.

Ressalta-se que a pandemia obrigou a escola e, conseqüentemente, o docente a criarem novos ambientes de educação, o que provocou reviravoltas significativas nas formas de aprender e apreender algo. Isso porque, este 'novo' ambiente deveria estar estruturado de modo a reconfigurar não somente os métodos de ensino, mas também os instrumentos e os prazos para que a escolarização ocorresse a contento. De acordo com Nóvoa e Alvim (2021, p.6),

“agora, têm de ser espaços abertos, adaptáveis e flexíveis; com condições para estudo individual e em grupo, lugares para a pesquisa, o uso das tecnologias digitais e uma relação de trabalho entre alunos e entre alunos e professores”.

#### 4 Estratégias metodológicas utilizadas no período pós-pandêmico

Uma educação contextualizada deve levar em conta aquilo que o aluno tem de contato fora do espaço escolar. Ou seja, deve ocorrer de forma a valorizar suas vivências, suas experiências e suas formas de aprender. Na visão de Festas (2015, p.8):

A ideia da contextualização do conhecimento, do ensino e da aprendizagem ocupa grande relevância no atual panorama educativo. Traduzindo e respeitando uma tendência pedagógica dominante nas ciências da educação, as orientações educativas, as organizações curriculares, as estratégias e metodologias de ensino e de aprendizagem, expressas e advogadas nos documentos normativo-legais e nos discursos dos meios pedagógicos e ligados à formação de professores, fazem apelo a esta ideia-chave da contextualização. Defende-se uma escola, um ensino e uma aprendizagem centrados em saberes contextualizados, alternativos aos conhecimentos acadêmicos que se apresentavam como os principais objetivos da escola tradicional.

A partir disso, vale afirmar que para que seja contextualizada, uma educação deve primar por ações pedagógicas mais amplas, dinâmicas e flexíveis no sentido de beneficiar aprendizagens alicerçadas em experiências socioculturais que o aluno traz de seu convívio em comunidade e ainda no seio familiar. Trata-se, portanto, de validar o currículo escolar vigente e na mesma proporção, inserir no cotidiano escolar ações que se deem por meio da interdisciplinaridade e que promovam o desenvolvimento integral dos alunos em face aquilo que molda seu dia a dia na vida em coletividade. Seja na família, na preparação para o mercado de trabalho ou na vida em comunidade.

Em relação ao currículo escolar e suas possibilidades, Saviani discorre que:

O currículo diz respeito à seleção, sequência e dosagem de conteúdos da cultura a serem desenvolvidos em situações de ensino-aprendizagem. Compreende conhecimentos, idéias, hábitos, valores, convicções, técnicas, recursos, artefatos, procedimentos, símbolos etc [...] dispostos em conjuntos de matérias/disciplinas escolares e respectivos programas, com indicações de atividades/experiências para sua consolidação e avaliação (2003, p. 35).

Numa visão mais contemporânea, considera-se que a contextualização educacional no período pós-pandemia se mostra como um desafio a ser enfrentado e superado por toda a comunidade escolar no sentido de ressignificar o processo de ensino e aprendizagem e ainda, encontrar formas de canalizar as experiências dos alunos a uma escolarização mais coesa e coerente. Logo que,

“o ensino remoto exigiu dos professores uma mudança drástica na maneira de ensinar, pois tiveram que dominar e aprender novas práticas pedagógicas, utilizando-se de vários dispositivos tecnológicos. Os alunos precisaram se adaptar à nova realidade digital, embora essa tecnologia já estivesse inserida no seu dia a dia” (WINTERS, et. al., 2020, p.9).

As práticas educativas em período pós-pandemia acabaram por apresentar características mais complexas e mais sensíveis do ponto de vista de que necessitavam estar em consonância com os documentos legais vigentes e ainda, contemplar as reais necessidades dos discentes ao levar em conta o afastamento das aulas presenciais, a formatação das aulas escalonadas e por fim, o retorno gradativo à sala de aula. A transição emergencial das práticas pedagógicas presenciais para o formato online (virtualização do sistema educativo) forçou os mestres a lidarem com o que eles não estavam habituados. (MOREIRA et. al., 2020, p.351).

Em relação a essas necessidades, é importante lembrar que, embora as aulas presenciais tenham sofrido alterações em sua estrutura e formato, a função social da escola permaneceu a mesma. Ou seja, as necessidades dos educandos permaneceram as mesmas, como a construção da identidade e autonomia, desenvolvimento de habilidades, aprimoramento de capacidades, inclusão social, entre outras. A função social da escola não se resume à socialização/convivência, mas sim ao trabalho de ensino e à apropriação do conhecimento valorizado, condição de desenvolvimento cultural orientador da personalidade.(DAINEZ e SMOLKA, 2019, p.11).

Em meio às turbulências causadas pelo retorno das aulas presenciais no período supracitado, surge a necessidade gritante de criar, aprimorar e reinventar estratégias metodológicas que viabilizem o processo de aquisição de saberes por parte dos alunos e, na mesma medida, dar continuidade ao seu desenvolvimento intelectual sem grandes prejuízos às interações sociais no interior da escola. É



fundamental que essas estratégias sejam capazes de atender às necessidades dos alunos e de estar em consonância com os documentos legais vigentes.

[...] os recursos e as ferramentas mudaram, mas, de uma forma geral, o formato das aulas não, com exceção das disciplinas que têm componentes práticos. Assim, ficou evidente, nos discursos dos professores, a necessidade de se reinventar e repensar suas aulas durante a atual crise sanitária, principalmente em relação aos recursos e às ferramentas utilizadas, tendo em vista que muitos dos investigados neste estudo pouco conheciam as plataformas digitais que precisaram utilizar (LUIZ, et. al., 2023, p.9)

E foi justamente essa necessidade de se reinventar que fez com que o educador se apropriasse de técnicas até então não tão utilizadas em sala de aula, para que passasse a dar mais significados a sua prática educativa. Ou seja, foi algo que se fez urgente, em meio à turbulência gerada pela referida crise sanitária.

Para Moreira, et. al. (2020, p.351):

O professor nesse processo é um elemento central, porque para dispor de elementos para a avaliação nos diferentes indicadores considerados, precisa de dinamizar de forma ativa a discussão. E para isso necessita não só possuir competências de empatia, mas também, competências metacomunicativas, que lhe permitam desafiar a forma como os estudantes pensam e imaginam a aprendizagem; e ainda competências de moderação que lhe permitam organizar uma discussão atribuindo funções diversas aos estudantes, tais como “orientador”, “mediador”, “motivador” ou “consolador”.

Nesta empreitada, o papel do professor é de suma importância quando se leva em conta a problemática que se consolidou no período pandêmico e posterior a ele. Assim, este papel passou a ser desempenhado de forma mais rápida e sem formas seguras de avaliar os níveis de aprendizado e desenvolvimento cognitivo. Até porque,

“A aprendizagem pode ser entendida como um processo de mudança de comportamento através da experiência, o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente. É também o resultado direto de como o sujeito interpreta e responde ao que aprendeu, por meio de sua própria reflexão e experimentação”. (DIAS e RAMOS, 2022, p.8).

Busca-se reforçar que, segundo Ali (2020, p. 7): “a educação à distância, o ensino remoto e as instruções online não são novas abordagens para a Pedagogia, entretanto, reacenderam os debates para a construção de uma concepção adequada ao contexto”. O que nos leva a crer que esta modalidade já deveria estar sendo concebida em espaços escolares de forma muito mais ampla desde tempos passados; o que geraria no corpo docente mais conforto e segurança na elaboração e aplicação das aulas. Sobre o uso das tecnologias em processo educacionais, destaca-se que:

“A velocidade das mudanças é tão grande que mesmo o professor mais bem preparado pode, às vezes, se sentir inseguro frente a essa nova realidade de ensino. Muito antes da pandemia e do ensino remoto, a necessidade de que as escolas utilizassem a tecnologia em sala de aula já era algo que vinha sendo discutido por pesquisadores da Educação por muito tempo”. (CARVALHO, et. al., 2020, p.12).

Logo, o que ocorreu foi uma brusca inserção de novas metodologias de ensino e aprendizagem que colocaram à prova as capacidades e habilidades do corpo docente e na mesma proporção passaram a determinar os novos rumos da educação nacional na pós-pandemia.

Contudo, isso não significou, em suma, uma ‘parada obrigatória’ para a educação. Até porque,

Existe um consenso entre educadores e pesquisadores, que consideram benéfico o uso das tecnologias tanto para estudantes quanto para professores; afinal, é possível pesquisar qualquer assunto rapidamente, apenas com um aparelho em mãos. Além disso, a tecnologia promove um ensino mais interativo e imersivo, para que o estudante possa visualizar os estudos, pesquisas e informações em telas multimidiáticas. (ALI, 2020p.11)

Com isso, entende-se que as tecnologias quando bem inseridas e conduzidas no ato educacional passam a representar avanços significativos nas aquisições escolares e ainda, promovem com dinamismo interações pessoais que favorecem a troca de saberes e a formação de opiniões de maneira rápida e prática. Diante disso,:

“modelos de práticas que envolvem o interacionismo podem ser encontradas nas chamadas metodologias ativas que utilizam a problematização como estratégia de ensino-aprendizagem, com o objetivo de alcançar e motivar o discente, pois, diante do problema, ele se detém,

examina, reflete, relaciona à sua história e passa a ressignificar suas descobertas” (ALI, 2020, p.13).

As metodologias ativas surgem no cenário educacional como uma forma de dar ao educando mais autonomia no desenvolvimento de suas atividades escolares cotidianas. Assim, elas alavancam a produção de materiais próprios dos educandos e na mesma proporção, possibilitam ao corpo docente, mediar a ação pedagógica de maneira mais sutil; uma vez que por meio delas, os alunos têm mais independência e mais ‘autoridade’ no fazer escolar.

Assim, o aprendizado ativo emerge como um novo paradigma para a oferta de educação de qualidade, colaborativa, envolvente e motivadora, com capacidade para responder à maioria dos desafios existentes nas instituições de ensino, demonstrando que a educação não pode ser considerada mais uma prática simples (MISSEYANNI apud MARQUES et. al., 2021, p.13).

Tal paradigma passou a determinar os rumos da educação atual na medida em que se mostrou como um marco histórico entre o modelo educacional consolidado antes da pandemia e o seguinte a ela. Logo, a educação deixou de ser simples e passou a ser mais complexa, envolvente e muito mais desafiadora. “O aprendizado ativo, em relação aos métodos mais tradicionais, é mais eficaz por aumentar a compreensão dos alunos sobre conceitos difíceis de serem apreendidos” (GUSC apud MARQUES, et. al., 2021, p.15).

Na visão de Carpeño apud Marques et. al., (2021, p.17)

“A implementação bem-sucedida dessas metodologias envolve mudanças em uma parte significativa do processo de ensino, desde o design instrucional e a organização, até o desenvolvimento de materiais didáticos, assim como a atividade do professor dentro da sala de aula”.

Assim concluímos que metodologias ativas de aprendizagem são técnicas pedagógicas que se baseiam em atividades instrucionais, capazes de engajar os estudantes em, de fato, se tornarem protagonistas no processo de construção do próprio conhecimento. Ou seja, são metodologias menos baseadas na transmissão de informações e mais no desenvolvimento de habilidades. Elas estimulam a

autonomia e a independência dos estudantes, colocando-os como protagonistas de seu próprio ensino.

Com as metodologias ativas de aprendizagem, o ensino é feito por meio de práticas que trabalham com diferentes conceitos de maneira repetida — de várias maneiras e com feedback imediato. O intuito é que o conhecimento possa realmente se firmar nas mentes dos estudantes.

Existem diversos tipos de metodologias ativas de aprendizagem, como a gamificação, o design thinking, a sala de aula invertida, o ensino híbrido, entre outros. Cada uma delas tem suas próprias características e objetivos, mas todas têm em comum o fato de que colocam o estudante no centro do processo de aprendizagem.

A implementação de metodologias ativas deve ocorrer de forma gradativa, segmentada e linear, atendendo a princípios de legalidade e verificando-se as possibilidades contidas em práticas pedagógicas calcadas nessas tecnologias

.

### **Considerações Finais**

Com a pandemia, a utilização de tecnologias no processo de ensino e aprendizagem se tornou ainda mais relevante. De fato, as tecnologias educacionais podem ser utilizadas para melhorar a qualidade do ensino e engajar os alunos em diversas situações de aprendizagem.

Também houve uma mudança significativa nas metodologias de ensino, que antes eram solidificadas em espaços de educação tradicionais, como salas de aula. Isso levou à criação de novas estratégias educativas mais flexíveis, dinâmicas e interativas por parte dos docentes, com o objetivo de beneficiar aquisições pedagógicas mais amplas e em curto espaço de tempo.

Além disso, as tecnologias educacionais devem ser usadas com intencionalidade pedagógica e de forma significativa para promover a criação e a experimentação dos alunos.

A integração de tecnologia na educação pode ser feita por meio de uma metodologia baseada em nove etapas. Essas etapas incluem a obtenção de atenção, a informação do objetivo para os aprendizes, a estimulação da lembrança do aprendizado anterior, a apresentação do estímulo, a orientação de aprendizado, a elucidação da performance, o fornecimento de feedback, a avaliação do desempenho e o aumento da retenção e da transferência. A educação midiática pode ser uma ferramenta útil para os professores aprimorarem suas técnicas digitais e midiáticas.

Pois é um processo de ensino-aprendizagem que desenvolve o senso crítico dos estudantes para que absorvam e produzam conteúdos midiáticos de forma responsável. Ela pode ajudar os alunos a analisar criticamente os textos de mídia em qualquer formato, dos impressos à internet, e a promover uma cultura de aprendizagem que estimule a curiosidade e o aprendizado contínuo.

Desta forma, a leitura, a explanação e a correta compreensão do que se transformou a ação docente durante e após a pandemia de Covid-19 em território nacional deixou claro que a mudança de paradigmas e a utilização de estratégias metodológicas mais envolventes e diversificadas ampliam significativamente as apreensões e aprendizagens do alunado em questão. O docente que busca alterar estratégias e incorporar em sua prática cotidiana novos recursos e novas técnicas acaba por despertar no alunado novos interesses e contribui para que a formação acadêmica e cidadã se dê em acordo com as exigências socioculturais da era contemporânea. Trata-se de inovar para formar.

## Referências

ALI, Wahab. **Aprendizagem online e remota em instituições de ensino superior: uma necessidade à luz da pandemia de Covid-19.** 2020. Disponível em <https://www.ccsenet.org/journal/index.php/hes/article/view/0/42784> acesso em 20 de agosto de 2023.

ALONSO, Katia Morosov. **Tecnologias da informação e comunicação e formação de professores: sobre rede e escolas.** 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/kK4GWz6hK3ZmP8VcJhQrbzQ/?lang=pt> acesso em 30 de abril de 2023.

ANDRADE JÚNIOR, Jacks de Mello. Et. al. (org.). **Metodologias ativas: práticas pedagógicas na contemporaneidade.** 2019. Disponível em [https://educacao.riodasstras.rj.gov.br/maisedu/media/2022-06-07\\_livro\\_metodologias\\_ativas\\_pr%C3%A1ticas\\_pedag%C3%B3gicas\\_na\\_contemporaneidade.pdf](https://educacao.riodasstras.rj.gov.br/maisedu/media/2022-06-07_livro_metodologias_ativas_pr%C3%A1ticas_pedag%C3%B3gicas_na_contemporaneidade.pdf) acesso em 10 de maio de 2023.

BRASIL. **Conselho nacional da juventude.** 2020. Disponível em <https://www.gov.br/participamaisbrasil/conjuve> acesso 20 de julho de 2023.

CHAQUIME, LUCIANE PENTEADO. **A prática pedagógica na educação a distância transformando a docência: uma análise sobre saberes e desenvolvimento profissional de tutores virtuais.** 2014. Disponível em <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2733/6219.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em 9 de agosto de 2023.

CONJUVE. **Juventudes e a Pandemia do Coronavírus.** Relatório de Resultados, Junho de 2020. Disponível em: [https://4fa1d1bc-0675-4684-8ee9-031db9be0aab.filesusr.com/ugd/f0d618\\_41b201dbab994b44b00aabca41f971bb.pdf](https://4fa1d1bc-0675-4684-8ee9-031db9be0aab.filesusr.com/ugd/f0d618_41b201dbab994b44b00aabca41f971bb.pdf). Acesso em: 10 de maio de 2023.

»

[https://4fa1d1bc-0675-4684-8ee9-031db9be0aab.filesusr.com/ugd/f0d618\\_41b201dbab994b44b00aabca41f971bb.pdf](https://4fa1d1bc-0675-4684-8ee9-031db9be0aab.filesusr.com/ugd/f0d618_41b201dbab994b44b00aabca41f971bb.pdf)

DAINEZ, Débora. SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A função social da escola em discussão, sob a perspectiva da educação inclusiva.** 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/Sjzqqk3cBv47szKzLpdJWD/#> acesso em 20 de agosto de 2023.

DIAS, Érica. **A educação e a Covid-19.** 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/mjDxhf8YGdk84VfPmRSxzc/#> acesso em 8 de agosto de 2023.

DIAS, Érika. RAMOS, Mozart Neves. **A educação e os impactos da covid-19 nas aprendizagens escolares.** 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/LTWGK6r8n6LSPPLRjvfL9qs/#> acesso em 26 de agosto de 2023.

FESTAS, Maria Isabel Ferraz. **A aprendizagem contextualizada: análise dos seus fundamentos e práticas pedagógicas.** 2015. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/pCzJCg3hLwdjL6DxJwM6zTD/#> acesso em 26 de julho de 2023.

FLAUZINO, Victor Hugo de Paula. **As dificuldades da educação digital durante a pandemia de Covid-19.** 2021. Disponível em <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/educacao-digital> acesso em 19 de maio de 2023.

FORTE, Joannes Paulus Silva. Et. al.; **Reproduzir ou transformar?** Análise sobre o papel do professor na manutenção /desconstrução de estigmas na escola. 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/X5B49qmhhkys53gb55K5NYv/?lang=pt#> acesso em 15 de agosto de 2023.

GATTI, Bernadete. **Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia.** 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ea/a/7M6bwtNMyv7BqzDfKHFqxh/#> acesso em 18 de agosto de 2023.

KOLINSKI, Mariane. BARTHOLO, Tiago. **Impactos da pandemia na educação brasileira.** 2022. Disponível em [https://d3e.com.br/wp-content/uploads/nota\\_tecnica\\_2212\\_impactos\\_pandemia\\_educacao\\_brasileira.pdf](https://d3e.com.br/wp-content/uploads/nota_tecnica_2212_impactos_pandemia_educacao_brasileira.pdf) acesso em 9 de maio de 2023.

LIMA, Valéria Vernaschi. **Espiral construtivista: uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem.** 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/j/icse/a/736VVYw4p3MvtCHNvbnvHrL/#> acesso em 10 de agosto de 2023.

LUIZ, Maria Eduarda Tomaz. Et. al.; **Atuação docente no ensino superior: facilidades, dificuldades e perspectivas frente à Covid-19.** 2023. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/3VLY3CdN6ygBsHt3c3g9TbS/#> acesso em 19 de agosto de 2023.

MARQUES, Humberto Rodrigues. **Inovação no ensino: uma revisão sistemática das metodologias ativas de ensino-aprendizagem.** 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/aval/a/C9khps4n4BnGj6ZWkZvBk9z/?lang=pt#> acesso em 30 de agosto de 2023.

MOREIRA, José António Marques. Et. al.; **Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia.** 2020. Disponível em

[https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/9756/1/2020\\_Transitando%20de%20um%20ensino%20remoto%20emergencial%20para%20uma%20educa%C3%A7%C3%A3o%20digital%20em%20rede%2C%20em%20tempos%20de%20pandemia.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/9756/1/2020_Transitando%20de%20um%20ensino%20remoto%20emergencial%20para%20uma%20educa%C3%A7%C3%A3o%20digital%20em%20rede%2C%20em%20tempos%20de%20pandemia.pdf) acesso em 21 de agosto de 2023.

MOYSÉS, Lúcia. **O desafio de saber ensinar**. Papirus. São Paulo. 1994.

NÓVOA, António. ALVIM, Yara Cristina. **Os professores depois da pandemia**.

2021. Disponível:

<https://www.scielo.br/j/es/a/mvX3xShv5C7dsMtLKTS75PB/?format=pdf> acesso em 11 de agosto de 2023.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de. ALVES, Paola Biasoli. **Ensino fundamental: papel do professor, motivação e estimulação no contexto escolar**. 2005. Disponível em <https://www.scielo.br/j/paideia/a/sjpNBLngmQKQByhSpptj7G/#> acesso em 5 de agosto de 2023.

PIMENTA, Paula. **Educação busca superar estragos da pandemia**. 2022.

Disponível

em

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/03/educacao-busca-superar-estragos-da-pandemia> acesso em 15 de maio de 2023.

ROMANZINI, Andréia Vedana. Et. al.; **Repercussões da pandemia da Covid-19 em crianças do Ensino Fundamental**. 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/kmWd9D7RhQGbzDLZzGMwWHD/> acesso em 17 de maio de 2023.

SAVIANI, Dermeval. Currículo: um grande desafio para o professor. **Revista de Educação**. nº 16, p. 35-38. São Paulo. 2003.

SILVA, Millyane Lima da. **Os desafios enfrentados pela educação em tempos de pandemia**. 2022. Disponível em

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/enfrentados-pela-educacao> acesso em 20 de abril de 2023.

SOUZA, Rafaela. **Educação**. 2023. Disponível em

<https://brasilescola.uol.com.br/educacao> acesso em 17 de abril de 2023.

WINTERS, Joanara Rosane de Fontoura. Et. al.; **O ensino remoto durante a pandemia de Covid-19: repercussões sob o olhar docente**. 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/reben/a/h36cMcTq3L8ZrYdzWgJGqqC/?lang=pt#> acesso em 29 de agosto de 2023.